ISBN Nº: 978-65-89908-84-5

A CRIAÇÃO DO SUJEITO UNIVERSAL: BRANQUITUDE

XXII ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO MINAS GERAIS: Produzindo vozes em tempos de necropolítica, 0ª edição, de 04/09/2021 a 07/09/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-84-5

ROCHA; Natália de Paula Narciso [1], ANAYA; Felisa Cançado [2], LIMA; Andréa Moreira [3]

RESUMO

Grupos de Trabalho Eixo temático 8: Psicologia Social Crítica, Questão Racial, Etnia e Classe O presente estudo propõe a discussão do processo psicossocial de branqueamento e branquitude a partir da criação do sujeito universal que só foi possível com a idealização da raça no período da colonização. Este resumo apresenta resultados parciais da pesquisa de dissertação de mestrado em andamento no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros. A partir do pensamento decolonial, portanto, buscamos compreender a branquitude no Brasil, para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de investigação teórica. A colonização produziu uma série de consequências sociais, econômicas e epistemológicas para os países do Sul Global. As relações de poder, dominação e subordinação dos diferentes povos baseados na ideia de raça produziu privilégios e a universalização de um povo. As relações coloniais foram, e perpetuam, relações que são universalizantes, proporcionando a criação do racismo e a exploração e marginalização dos povos racializados. Originou-se, então, com o processo da colonização o surgimento e a criação do sujeito universal, o homem branco. Em contato com povos diferentes, o homem branco europeu racializou e classificou os povos que tinham na cor da pele sua diferença demarcada. Aníbal Quijano (2005), importante autor do pensamento decolonial na América Latina, escreve que esse processo de racialização foi, e é, necessário para que se pudesse dominar esses povos. Junto com a colonização que teve início em 1500, novas identidades sociais foram criadas; o negro, o índio, o mestiço, o amarelo, e pôr fim a criação do sujeito universal, o sujeito que é superior aos outros e não precisa pertencer a um grupo racializado, o sujeito branco europeu que era de fato considerado um homem e não animalizado e objetificado como foram os povos racializados. A branquitude, termo utilizado nos estudos sobre a identidade do branco, é estudada por diversos autores brasileiros, embora os estudos sobre branquitude tenham se popularizado principalmente nos Estados Unidos em 1990, no Brasil esses estudos ganham força a partir dos anos 2000 e nos revelam a importância de estudar a ideologia de branqueamento da população brasileira, a branquitude e a identidade branca, como revela a autora Maria Aparecida Silva Bento (2002). Definir a branquitude não é uma tarefa fácil, Lia Schucman (2020), argumenta que o “ser branco” não é definido apenas pela genética, especialmente no Brasil, onde o branco pode ter sangue negro. Liv Sovik (2009), afirma que no Brasil sabemos que existe o negro, mas que não afirmamos se existe o branco, o ser branco no Brasil está

[1] Unimontes, nataliaedpaula@gmail.com
[2] Unimontes, felisaanaya@gmail.com
[3] Centro Universitário UNA, andrea.m.lima10@gmail.com

ligado à aparência, ao fenótipo, estudar a branquitude é estudar as relações de poder que ela possui e os lugares de poder que ela ocupa. A criação do sujeito universal é a representação da dominação epistemológica, social, econômica e subjetiva das pessoas brancas sobre as pessoas racializadas. A dificuldade de se definir o branco no Brasil é a dificuldade de assumir também o racismo e o poder que a identidade branca possui.

PALAVRAS-CHAVE: Branquitude, Raca, Processos Psicossociais

[1] Unimontes, nataliaedpaula@gmail.com
[2] Unimontes, felisaanaya@gmail.com
[3] Centro Universitário UNA, andrea.m.lima10@gmail.com